

ARMINIANISMO PURO & SIMPLES

Uma introdução histórico-teológica

JAMIERSON OLIVEIRA

ARMINIANISMO PURO & SIMPLES

Uma introdução histórico-teológica

JAMIERSON OLIVEIRA

1ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira
Capa e projeto gráfico: Leonardo Engel

CDD: 230 – Cristianismo e Teologia Cristã
ISBN: 978-85-263-1613-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.
Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373
Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2018
Tiragem: 3.000

Em memória do reformador e teólogo Jacó Armínio
e do teólogo e avivalista João Wesley.

AGRADECIMENTOS

Não quero ser prolixo, citando tanta gente que me influenciou, ajudou e motivou para escrever esta obra, todos são preciosos amigos a quem muito agradeço. Por outro lado, não posso ser injusto deixando de agradecer pelo menos os principais. Começo pelo reverendo Eber Cocareli, apresentador do programa *Vejam Só* / RIT, que sempre me prestigiou, convidando-me para participar dos debates ali envolvendo a controvérsia arminianismo *versus* calvinismo. Foi devido a essas minhas exposições midiáticas, quase sempre bem-sucedidas, que me ocorreu a ideia deste livro, a partir das minhas anotações. Também agradeço ao meu amigo calvinista Rodrigo Marques, com quem mantenho uma boa e saudável amizade, trabalhando juntos em vários projetos no Reino.

Também devo uma palavra de gratidão a um grupo fechado no *Facebook*, formado por teólogos arminianos. Esses irmãos são exímios estudiosos do arminianismo, tanto do ponto de vista histórico como teológico, com alto grau de erudição nessa matéria. Ainda fico impressionado como eles conhecem o assunto! Participar desse "grupo de elite" me ajudou bastante a afiar a espada. Entre os membros, posso citar meus amigos Marlon Marques, Wellington Mariano e o Douglas Ferreira, que leram o manuscrito desta singela obra, e contribuíram com sua crítica e sugestões.

A Deus que amou o mundo todo, e todos do mundo, seja toda a glória!

"A norma da verdade teológica não é dupla, uma primária e outra secundária, mas são, única e simplesmente, as Sagradas Escrituras."
– Jacó Armínio

"Cuidado para não ser tragado pelos livros! Um grama de amor vale mais que um quilo de conhecimento."
– João Wesley

APRESENTAÇÃO

A obra *Arminianismo Puro e Simples* se propõe apresentar a história e teologia arminiana, como o próprio nome da obra sugere, de modo puro e simples.

Nos últimos cinco anos, houve um despertamento mundial pelo pensamento do teólogo holandês Jacó Armínio, e o Brasil não ficou fora desse movimento. Esse servo de Deus sistematizou a soteriologia que representa mais de 80% dos cristãos evangélicos de todo o mundo, que creem que Deus, pela sua graça, quer realmente salvar todos os homens e não apenas um grupo de privilegiados eleitos.

Infelizmente, fruto de desinformação ou mesmo de uma campanha difamatória de teólogos calvinistas, muitos o desconhecem ou possuem uma visão equivocada do arminianismo, rotulando-o de pelagiano ou antropocêntrico, ignorando quase que completamente suas fontes históricas e a sua forma de fundamentação escriturística.

O objetivo prioritário desta obra é introduzir o leitor ao arminianismo clássico e o que ele realmente ensina e crê, com base em fontes confiáveis e em seus principais proponentes, desde Jacó Armínio passando por John Wesley, até os autores contemporâneos.

Como cria a Igreja Primitiva? O que é livre-arbítrio? Deus realmente ama todos os homens? Jesus morreu por todos os pecadores ou só pelos eleitos? Um verdadeiro cristão pode perder a sua salvação? Esses e outros temas intrigantes você encontrará neste livro.

Boa leitura, e bom estudo.

SUMÁRIO

Agradecimentos 5
Apresentação 9
Introdução 13

1. O Contexto Histórico de Jacó Armínio

A vida de Jacó Armínio 19
Contexto histórico e político da controvérsia 25
Causas, antecedentes e figuras centrais da Reforma Protestante 29

2. A Teologia Arminiana

Quatro visões sobre a salvação 35
Arminianismo clássico 37
O acróstico FACTS 44
Graça preveniente 46
Arminianismo não é pelagianismo 47
Objeções à doutrina calvinista da predestinação 49
A doutrina arminiana da eleição 51
Arminianismo e a Bíblia 53
Refutando o calvinismo 68

3. A Teologia Wesleyana

A vida de João Wesley 79
Influências da teologia wesleyana 83
Quadrilátero wesleyano 84
A teologia de João Wesley 85

Uma Última Palavra 91
Citações de Arminianos Pentecostais 95
Glossário 99
Teólogos Arminianos 104
Guia de Estudos 108
Referências 111

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no universo cristão mundial, que, segundo as mais confiáveis pesquisas, somam cerca de 2,4 bilhões de seguidores,[1] dos quais em torno de 600 milhões se identificam como evangélicos, podemos dizer seguramente que 80% deles são de confissão soteriológica arminiana. O mesmo quadro se aplica ao Brasil, onde a grande maioria dos crentes é de igrejas pentecostais e, por assim dizer, são arminianos, mesmo que não se identifiquem como tal. Esse panorama nos diz claramente muitas coisas, mas a principal delas é que o arminianismo e o Reino de Deus têm muito em comum. O fervor evangelístico e missionário é natural em um coração arminiano.

E não deveria ser assim mesmo, com o povo que crê que Deus amou de verdade o mundo inteiro, que Jesus morreu por todos os homens individualmente e que todos indistintamente podem ser salvos se crerem no evangelho, não resistindo ao convite à salvação? Claro que sim! Não consigo me imaginar motivado em pregar o evangelho para alguém se não creio que essa pessoa possa realmente ser salva. Imagine-se falando de Jesus para alguém que Deus não ama, para alguém que não foi escolhido por um decreto misterioso antes que houvesse mundo. No mínimo, é um "banho de água fria" para um evangelista.

Crescimento não é o nosso problema. O maior desafio que enfrentamos é de natureza de conteúdo, de formação dos nos-

[1] Conforme dados do World Christian Database,

sos líderes e de identidade das nossas igrejas. Esse segmento, formado por crentes arminianos, carece (e muito!) de informação e de preparo bíblico e teológico. No afã evangelístico, por muitos anos ouvimos de nossos pastores que estudar teologia é perda de tempo, e que vale mais a pena orar, jejuar e buscar os dons do Espírito Santo, entre outros absurdos condenando a formação acadêmica do povo. Embora eu não tenha sofrido com isso na minha juventude cristã, pelo fato de os meus pastores serem mestres na Palavra e grandes incentivadores do estudo, milhares de irmãos de igrejas predominantemente pentecostais e arminianas vivenciaram essa realidade. O resultado é que, embora cresçamos, de modo geral, poucos obreiros são qualificados no ensino bíblico e, consequentemente, na exposição e defesa da sua identidade confessional, seja do arminianismo, seja de muitos outros temas bíblicos e teológicos.

Outra prova disso é a escassez de obras que exponham coerentemente o posicionamento arminiano, fazendo com que a maioria desses crentes, por ignorância e por falta de treinamento teológico, acabe crendo na heresia pelagiana ou mesmo semipelagiana, alimentando, com isso, a acusação do lado calvinista, segundo a qual não temos um ensino bíblico e reformado da doutrina divina da salvação.

É claro que muitos calvinistas também não são versados em temas soteriológicos. Eu mesmo conheço vários cristãos calvinistas, alguns pastores, que não creem na predestinação individual, que estão cheios de dúvidas quanto à eleição incondicional e que não concordam com Calvino em vários outros pontos da questão. Porém, se analisarmos a convicção doutrinária de cada um dos grupos, é inegável que, geralmente, irmãos de igrejas calvinistas estão mais bem preparados para responder sobre calvinismo do que irmãos de igrejas arminianas sobre arminianismo.

No Brasil, o problema ainda é mais grave, quando vemos grandes denominações historicamente arminianas, com completa estrutura literária e educacional, não terem um posicio-

namento firme e claro nessa questão. Só mais recentemente, percebendo um movimento calvinista no seu seio, inclusive com alguns pastores que já se declaram calvinistas, começamos a ouvir vozes levantando a bandeira do arminianismo.

Também é bastante enigmático o fato de essa realidade que atinge a massa não ter como razão de existir a ausência de teólogos e pensadores cristãos arminianos, como era de se esperar e como afirmam alguns calvinistas mal intencionados. Muito pelo contrário, a galeria dos maiores intelectuais, eruditos e teólogos, nesses dois mil anos de cristianismo está repleta de nomes alinhados com o arminianismo. Homens de Deus, mestres por excelência e crentes piedosos, que fizeram teologia (ou fazem) do mais alto nível, cujas obras de fina erudição são lidas e recomendadas nos principais centros acadêmicos do mundo evangélico. Sem se importar com datas, falo de alguns nomes, tais como: A. W. Tozer, Orlando Boyer, D. L. Moody, Keith Stanglin, C. S. Lewis, Thomas Oden, Leonard Ravenhill, F. Leroy Forlness, Billy Graham, Gordon Fee, Stanley Horton, William L. Craig, Antonio Gilberto, Luís Wesley de Souza, Esequias Soares, Alvin Plantinga, A. T. Robertson, Enéias Tognini, Israel Belo de Azevedo, J. P. Moreland, Norman L. Geisler, James Strong, entre outros.

O que você pode concluir sobre isso? Sim, que em nada estamos devendo aos calvinistas, como alguns querem transparecer que só eles conhecem teologia, que só eles são eruditos. No apêndice desta obra, reúno uma lista mais completa, que desqualificará por completo essa ideia proselitista que circula nos arraiais teológicos, principalmente da internet.

Mas o cenário começou a mudar. Neste momento, há um despertamento intelectual no meio acadêmico e eclesiástico de afirmação da identidade e soteriologia arminiana. O movimento é jovem, mas consistente, e os próprios calvinistas estão percebendo isso. Com organização de dezenas de eventos, cursos e palestras temáticas, além de farto material na internet, visando à disseminação da teologia arminiana, bem

como desfazendo as injúrias lançadas sobre nós. Um destaque devemos fazer para a publicação de excelentes obras, quer de autores estrangeiros, quer de pastores e teólogos nacionais. Especialmente, a recente publicação da CPAD das Obras de Jacó Armínio, uma iniciativa extraordinária da maior denominação brasileira, um marco histórico para a nossa teologia.

Destaco que isso não é uma revanche; em nosso coração, não há mágoa nem rancor dos queridos irmãos calvinistas. Longe disso, apenas estamos fazendo a lição de casa, como devíamos ter feito muitas décadas atrás. Eu, particularmente, que circulo bem no meio interdenominacional, tenho excelente amizade com grandes mestres calvinistas, e dialogamos com absoluto respeito e amor cristão. Mas é bom que todos saibam que o nosso fundamento doutrinário é cristocêntrico e bíblico, que somos tão reformados como eles, e que cessem as inverdades divulgadas contra o arminianismo. Não ousaria dizer tamanha heresia como Spurgeon, quando escreveu: "O calvinismo é apenas um apelido; o calvinismo é o evangelho e nada mais".[2] Todavia, posso afirmar sem nenhum temor, e o leitor prudente poderá confirmar isso no final do estudo desta obra, que o arminianismo é rigorosamente evangélico. Este é o meu objetivo com este singelo livro: contribuir com o conhecimento do verdadeiro arminianismo, que se harmoniza perfeitamente com as Escrituras, e de forma simples, bíblica e histórica, ao alcance de todos.

Com esse panorama desenhado, quero reafirmar nosso amor aos irmãos de qualquer escola de pensamento teológico, e como escrevi num post do meu perfil em uma rede social: "Você pode ser arminiano, calvinista, neopentecostal, amilenista, dispensacionalista, cessacionista, pentecostal, tradicional, moderno, comunitário, reformado, carismático, apostólico, monergista, sinergista, enfim. Você só não pode ser incrédulo. Pois sem fé é impossível agradá-lo".

[2] C. H. Spurgeon em Uma Defesa do Calvinismo, p. XX.

Também faço questão de reproduzir aqui as sábias palavras de João Wesley, o mais notável arminiano depois de Jacó Armínio:

> Que ninguém levante a voz contra os arminianos antes de saber o que esta palavra significa, só então saberá que arminianos e calvinistas estão no mesmo nível. Os arminianos tem tanto direito de estar irados com os calvinistas como os calvinistas com os arminianos. João Calvino era um homem estudioso, piedoso e sensato, igual a Jacó Armínio. Muitos calvinistas são pessoas estudiosas, piedosas e sensatas, igual a muitos arminianos. A única diferença é que os primeiros afirmam a doutrina da predestinação absoluta, e os últimos, a predestinação condicional.

Caro leitor, a partir de agora, nos próximos capítulos, quero levá-lo por um caminho mais estreito, às vezes escorregadio e escuro, mas, com a graça de Deus, espero que, ao final dessa caminhada, eu o tenha ajudado a compreender a mais fascinante doutrina bíblica, a doutrina da salvação, e que a sua fé tenha sido edificada na inspirada e inerrante Palavra de Deus.

Ao deparar-se com termos técnicos e teológicos, necessários à exposição do assunto, recorra ao glossário preparado especialmente para você, facilitando assim sua compreensão do texto.

Bom estudo!

1

O CONTEXTO HISTÓRICO DE JACÓ ARMÍNIO

A Vida de Jacó Armínio

Antes de avançarmos no assunto, explorar o que diz as Escrituras, discutir controvérsias teológicas ou filosóficas, é fundamental que se conheça quem foi o homem que empresta o seu nome à maioria esmagadora dos cristãos evangélicos no mundo, nos últimos cinco séculos.

É impressionante o desconhecimento generalizado sobre a vida e obra de Jacó Armínio. Como pode alguém que influenciou mais de 80% do mundo cristão evangélico ser tão mal compreendido ou ignorado? Mesmo no meio acadêmico, quando se fala dele, é de forma negativa, e quando positiva, acaba sendo com muitas informações incorretas, prejudicando ainda mais uma visão honesta sobre ele. Chamo isso de "conspiração calvinista", uma vez que vem de fontes calvinistas a maior parte das calúnias contra esse servo de Deus.

Sei que parte dessas acusações e mentiras é, por um lado, por pura ignorância, simplesmente eles nunca leram uma obra original de Armínio, ou de teólogos arminianos confiáveis. Em meus debates com calvinistas, que podem ser encontrados na internet, diversas vezes deparei-me com a surpresa do meu oponente com as minhas declarações doutrinárias extremamente bíblicas e reformadas. Eu ficava com a impressão que ele se sentia diante de um herege muito mais ortodoxo do que ele gostaria ou esperava encontrar. Contudo, por outro lado, há aqueles que reproduzem mitos sobre a pessoa de Armínio por pura má fé. Estes têm um propósito deliberado de proteger Calvino, em um zelo canônico nutrido por esse teólogo e por seus escritos.

O homem atrás do teólogo, o crente e servo de Deus perseguido e o mais mal compreendido dos reformadores nasceu há exatos 456 anos, em outubro de 1559, em Oudewater, cidadezinha encravada entre uma das províncias que formaria a atual Holanda. Seu nome de registro era Jakob Hermanszoon, que, na forma latinizada, ficara Jacobus Arminius e, na forma aportuguesada, Jacó Armínio.

Ainda criança, conheceu o sofrimento, ficando órfão de pai e sendo criado com grande dificuldade por sua mãe, juntamente com outros irmãos ainda pequenos. Mas, como se não bastasse, quando completou 15 anos, teve que enfrentar a morte de toda sua família, assassinada no massacre espanhol de Oudewater em 1575. Desconsolado, mas sentindo que Deus o chamava ao ministério, retornou à Holanda e bravamente continuou seus estudos em teologia na Universidade de Leiden, onde permaneceu até 1582.

Cinquenta anos mais jovem que João Calvino, seu grande contraponto teológico, Armínio foi grandemente influenciado por seus professores que não concordavam com o ensino calvinista reformado vigente em seus dias, os quais argumentavam que esse ensino transformava Deus em um tirano e carrasco. Após passar um tempo em Genebra estudando com Teodoro de Beza, sucessor imediato de Calvino, em 1582 mudou-se

para Basileia, e logo após aceitou a oferta para pastorear a Igreja Reformada em Amsterdã, sendo ordenado ao santo ministério seis anos depois. Era considerado pelos membros como um pastor dedicado e sempre pronto para servir à igreja no que fosse necessário. Também era conhecido como excelente pregador e expositor das Escrituras.

Já casado com a jovem Lijsbet Reael, que foi uma fiel e muito amável esposa, e morando em Amsterdã, Jacó Armínio gradualmente foi estruturando sua teologia sobre a graça, eleição, predestinação e livre-arbítrio. Então, através de uma série de sermões sobre a epístola de Paulo aos Romanos, ele foi destoando dos calvinistas e começou a ter problemas com outros teólogos, uma vez que a sua soteriologia baseada em uma profunda pesquisa sobre a história da igreja, especialmente da patrística, contrariava os ensinos de Calvino e de Beza, aproximando-se mais de Lutero e da justificação pela fé. Essa querela chegou a uma considerada necessária intervenção do poder executivo e político, a fim de acalmar os ânimos da população. Mesmo seu amigo Petrus Plancius voltou-se contra ele. Esses fatos o entristeceram profundamente, mas seu coração de pastor, provado no fogo da tribulação, não permitiu que ele desistisse da sua luta contra um sistema calvinista ditatorial, vigente em seus dias.

Um ponto importante que devemos destacar aqui é que, diferentemente do que é divulgado em tempos mais recentes, Jacó Arminio nunca foi calvinista, mas sim um teólogo reformado na acepção mais ampla do termo. Precisamos entender que o termo "calvinismo" não é sinônimo de "reformado", como querem alguns calvinistas, criando com isso graves problemas teológicos e históricos. De acordo com as obras e pesquisas do estudioso Carl Bangs, Armínio nunca aceitou o postulado de Calvino quanto à doutrina da salvação, mesmo tendo permanecido fiel à eclesiologia e à doutrina dos sacramentos. As críticas de Armínio à soteriologia calvinista eram

embasadas nas Escrituras e nos textos dos teólogos cristãos dos três primeiros séculos (chamados "Pais da Igreja").

Em 1602, um surto da peste negra matou dois importantes membros da faculdade, Franciscus Junius e Lucas Trelcatius, "O Velho". Mesmo a contragosto de muitos outros professores e alunos, graças a um importante membro da faculdade chamado Franciscus Gomarus, Armínio foi nomeado professor titular de teologia na Universidade de Leiden, mesmo centro acadêmico no qual se formara anos antes. Durante esse um ano como professor, lecionou teologia e escreveu muitos livros e tratados teológicos, base teórica sobre a qual se desenvolveu o arminianismo e o movimento holandês chamado remonstrante.

Sua amizade com Franciscus Gomarus durou pouco, pois as convicções hipercalvinistas de Gomarus levaram os dois a um debate que duraria seis anos, porque principalmente Armínio insistia em solicitar a revisão da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg, documentos clássicos da tradição calvinista.

Em 1604, as teses de Armínio foram defendidas publicamente no dia 07 de fevereiro, e combatidas, também em público, em 14 de outubro do mesmo ano. A disputa ganha proporções externas à universidade quando opositores de Armínio resolvem elaborar uma queixa formal contra ele junto à Classis, órgão administrativo de pastores e anciãos, ocasião em que Gomarus aumenta sua oposição a Armínio junto ao ministro de Leiden. Naquela época, como vemos, não era nada fácil fazer oposição aos calvinistas. Havia um clima muito forte de intolerância e perseguição contra qualquer ideia nova ou diferente. É por isso que Armínio não apenas apelava às Escrituras, mas também aos Pais da Igreja, isto é, na esperança de que os calvinistas entendessem que o sinergismo não era nenhuma novidade teológica.

Nesse tempo, uma série anônima de trinta e um artigos começa a circular, refutando a alegada "heterodoxia" de Jacó Armínio. A situação então se agrava e a perseguição aumenta,

principalmente porque Sibrandus Lubbertus, influente professor da Universidade de Franeker, começa a enviar cartas a outros teólogos para que, juntos, pudessem convencer o público de que Armínio era um herege. Mas, felizmente, a maioria de seus adversários no campo teológico não se interessava em destruir-lhe a reputação ou expor-lhe publicamente como herege, pois conheciam seu caráter e piedade espiritual, bem como a força dos seus argumentos, e acabaram por contornar pacificamente os procedimentos oficiais.

Persistente, Armínio consegue permissão dos Estados da Holanda para expor suas ideias. Finalmente, em 30 de maio de 1608, Armínio e Gomarus expõem seus pontos de vista, em forma de discursos, perante a Suprema Corte em Haia. O então chefe de justiça da Suprema Corte, Reinout van Brederode, emite seu parecer: "Os pontos de diferença entre os dois professores, em sua maioria relacionados com os detalhes sutis da doutrina da predestinação, são de menor importância e podem coexistir [...] e ambos os senhores são intimados a tolerar uns aos outros com amor". Mas, em flagrante provocação à Corte, Gomarus declarou que "não se atreveria a morrer conservando a opinião de Armínio, nem se apresentaria com ela ante o tribunal de Deus".

Diante disso, Armínio insistia em defender suas ideias em um sínodo nacional, mas os Estados da Holanda, acreditando ser tal medida por demais exagerada, concede-o expô-las apenas na assembleia de 30 de outubro de 1608. Finalmente, Armínio sente-se à vontade — e com espectadores numericamente suficientes — para justificar seu pedido de revisão da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg, apresentando uma visão geral de todas as diferentes opiniões existentes sobre a doutrina da predestinação, colocando supra e infralapsarianismo como ensinamentos equivalentes, propondo incompatibilidade entre esses ensinos e as Confissões já citadas.

Em 12 de dezembro do mesmo ano, Gomarus também discursou sua crítica a Armínio, com um tom sarcástico e be-

ligerante, alegando que seu oponente defendia ideias pelagianas, o que não ficaria impune — a Assembleia ordenou que ambos os discursos fossem proibidos de publicação. Apesar da proibição, logo aparecem impressos.

Em 25 de julho de 1609, estando grandemente abatido por uma doença, Armínio teve suas teses defendidas por Jacobus Bontebal. Nessa data, mesmo com a saúde gravemente debilitada, refutou brilhantemente um sacerdote católico que assistia à exposição de suas doutrinas. Após essa data, Armínio recebeu ordens de assistir a uma conferência com Gomarus em Haia, nos dias 13 e 14 de agosto daquele ano. Contudo, suas condições de saúde não lhe permitiam obedecer tal ordem, fazendo-o retornar a Leiden.

Aos 19 do mês de outubro de 1609, com apenas 49 anos, morreu Jakob Hermanszoon, em Pieterskerkhof, onde foi enterrado. Uma pedra memorial em seu nome foi ali colocada em 1934. Seus sucessores que levaram adiante suas ideias foram Johannes Uitenbogaard e Simon Episcopius.

O corajoso e fiel teólogo, mesmo com seus dias contados, lutou até o fim, permanecendo como professor em Leiden até a morte, sendo estimado por milhares de alunos e amigos. Suas ideias ganharam proporções teológicas e políticas, causando uma cisão em larga escala dentro do calvinismo e do mundo reformado. Sua herança são milhões de crentes em Cristo Jesus, em todas as nações, até os confins da Terra.

Ainda devemos destacar que, em todo esse tempo de vida pastoral e de labor teológico, mesmo com todas as oposições, vivendo um clima real de perseguição e ameaças, o pastor e professor Armínio manteve a calma e a serenidade, como fruto do Espírito. Não se conhece na sua história um momento em que tenha destratado seus opositores, nem faltado com a verdade do evangelho em nenhum dos seus sermões, aulas, escritos ou debates. Sempre fiel à Palavra de Deus! Sempre fiel ao lema reformado dos cinco solas, a saber: *Sola Scriptura* (somente a Escritura), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola Gra-*

tia (somente a graça), *Sola Fide* (somente a fé), *Soli Deo Gloria* (somente a Deus toda glória). E é essa fé que caracteriza um verdadeiro cristão reformado, seja ele calvinista ou não!

Contexto Histórico e Político da Controvérsia

Agora que você já conhece, ainda que superficialmente, o suficiente desse patriarca da igreja moderna, também se faz necessário uma síntese das razões que levaram Armínio e Gomarus a um agudo e desgastante confronto de ideias. Até mesmo para entendermos os motivos de audiências públicas, principalmente do envolvimento dos poderes políticos e do próprio Estado. Sem conhecer a mentalidade da sociedade desse tempo, será muito difícil compreender Armínio ou mesmo Calvino, podendo nos levar a equívocos tanto sobre um como sobre o outro teólogo reformado.

Em primeiro lugar, é necessário entender que, mesmo com a concretização da Reforma Protestante, a religião ainda estava atrelada ao Estado, e o papel de cada um desses âmbitos era frequentemente confundido. O mundo dessa época estava em efervescente transformação social. A Idade Média dava lugar à Moderna, um mundo que buscava uma substituição do complexo e falido sistema feudal, que lidava com o surgimento do Renascentismo e com diversas mudanças de valores. Ou seja, nunca pense na Reforma Protestante com a cabeça de hoje, ou olhando para Europa de hoje. O tempo de Lutero, de Calvino e de Armínio era muito diferente do nosso tempo.

No tempo de Armínio, segunda metade do século XVI e início do século XVII, a Reforma Protestante não estava totalmente consolidada, e, embora a velha hegemonia católica já tivesse sido quebrada, o clima ainda era muito tenso e crítico. A sociedade aristocrática medieval já em ruína, ainda estava marcada por uma pirâmide social, em cujo topo estava o clero, abaixo a nobreza e na base os camponeses, gente

comum, sem quase nenhum direito. Um tempo marcado por grandes pragas, crise econômica, grandes descobertas marítimas e científicas, enfim. Imagine a formação teológica do homem desse tempo, que teve que lidar com a reforma proposta por Martinho Lutero, que pregava a salvação única e exclusivamente pela fé, com a reforma de João Calvino, que lançava uma ideia de salvação por um decreto de Deus, ou seja, a predestinação, e agora com Armínio que reafirmava as bases bíblicas do livre-arbítrio, responsabilidade humana e eleição condicional. Vale lembrar também que, apesar do esforço de alguns em traduzir as Escrituras para o idioma do povo, a Bíblia ainda não estava amplamente disponível como nos dias de hoje. Só essas questões já deveriam ser olhadas com mais complacência.

Apenas como um exercício de reflexão, você pensou que, enquanto Lutero, Calvino, Armínio e outros teólogos debatiam essas questões doutrinárias no século XVI, é mais ou menos nessa época que Cristovão Colombo descobre as Américas, e em seguida o nosso lindo Brasil também é descoberto? Entendeu como o mundo era diferente? Vale a pena você estudar esse período, e buscar compreender o coração desses homens que Deus usou para mudar a História.

Posso apropriadamente citar o historiador G. R. Elton, que disse: "Ninguém se atreveria hoje a enumerar as causas da Reforma. Um fenômeno tão complexo surgiu de fatores tão numerosos que somente uma análise geral, que abarcaria centenas de anos de história, poderia aproximar-nos de uma resposta satisfatória".[1]

O fato é que a Reforma Protestante aconteceu, e dividiu o mundo entre católicos e protestantes, e, além disso, viu o próprio mundo protestante dividido. De acordo com historiadores como Carl Bangs,[2] os Países Baixos, região de Armínio, eram

[1] ELTON, G.R. New Cambridge Modem l__Ii_story; The Refonnation Era, 1520-1559

[2] BANGS, Carl. Biografia de Jacó Armínio. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

tolerantes com a diversidade teológica característica da região, não confessando rigidamente o calvinismo, como acontecia na Suíça, por exemplo. Assume-se como verdade que a declaração de fé principal nos Países Baixos era o Catecismo de Heidelberg, sem, contudo, haver uma exigência imperativa de que ministros e teólogos fossem invariavelmente calvinistas. A tolerância também se estendia aos crentes de um modo geral, havendo entre eles calvinistas e luteranos que pacificamente conviviam como comunidade de fé. Cristãos que professavam o sinergismo de Melanchthon imperturbavelmente conviviam com adeptos do supralapsarianismo de Beza.

Esse clima ameno começa a ser ameaçado quando Francisco Gomarus passa a sugerir, com certa insistência, que igrejas e universidades holandesas confessassem unânime e uniformemente pressupostos calvinistas. Armínio, acostumado com o clima tolerante que permeava os cidadãos, mostra-se alarmado com o exagero e o tom desnecessário com que alguns calvinistas se referiam ao seu ensino. Mesmo o Estado evitou classificar a teologia de Armínio como herética, tão menos o fez a igreja. Mas isso estava prestes a mudar.

Os Países Baixos estavam em guerra contra a dominação católica espanhola. Alguns calvinistas viam em sua teologia um "porto seguro" para proteger o povo da influência da teologia católica espanhola, e convenceram o então príncipe Maurício de Nassau a fazer uma campanha para unificar a doutrina pregada e ensinada, e para oficializar o calvinismo. O resultado foi retaliação política e religiosa — após a morte de Armínio, o príncipe Nassau depôs os arminianos dos cargos políticos. Um cristão foi executado por confessar crer no arminianismo, e tantos outros foram encarcerados. O conflito teológico estava se transformando em disputa política e pretexto para barbárie.[3]

[3] Charles Hodge, erudito calvinista de renome internacional, concorda com esta afirmação da natureza política do Sínodo de Dort. Ele nos informa que os cânones de Dort foi escrito para agradar tanto infra como supralapsarianos,

Para resolver tal situação, a Igreja convocou o Sínodo Nacional da Igreja Reformada, em Dort, que perdurou de 13 de novembro de 1618 até 9 de maio de 1619. Nele, os "remonstrantes" estavam presentes na qualidade de acusados, sem oportunidade de defesa de sua fé, conforme pode ser confirmado historicamente, sendo replicados pelos inquisidores simpatizantes do calvinismo. Ao findar do sínodo, os arminianos foram condenados como hereges e depostos de seus cargos eclesiásticos e seculares, além de terem suas propriedades expropriadas. Alguns, ainda, foram exilados, outros condenados à prisão perpétua, entre outras brutalidades que nunca deveriam ser nomeadas entre cristãos. O Sínodo de Dort, como ficou conhecido historicamente, mostrou que, embora menos acadêmico, foi tão intolerante e perverso como o Concílio de Trento, que condenou à fogueira os "hereges" protestantes, conforme criticou João Wesley.

Com a morte de Maurício de Nassau, a influência dos calvinistas na região perdeu seu poder, e os arminianos retornaram ao país, ocasião em que fundaram igrejas e um seminário remonstrante.

O que dizer dessa hostilidade e massacre por parte dos calvinistas daquele tempo? Foi culpa do Estado? Mas não é a teologia calvinista a base desse estado capitalista que se formava, atendendo bem aos interesses de uma burguesia que se enriquecia? Foi culpa da teologia? Mas não é ela o evangelho, conforme cria Spurgeon? A história já está escrita, basta nos debruçarmos sobre ela para compreender e discernir. O que fica claro é que o poder de um Estado católico foi tão cruel como de um Estado calvinista.

---

muito embora houvesse discordância entre eles em relação à ordem dos decretos quanto à salvação. (*Teologia Sistemática de Hodge*, p. 720, Editora Hagnos, 2001)

Causas, Antecedentes e Figuras Centrais da Reforma Protestante

Nos livros de história da Idade Média, a Reforma Protestante é um dos temas mais mencionados. Não há como falar de desenvolvimento social e filosófico na Europa sem mencionar as bases filosóficas e teológicas lançadas por Martinho Lutero. Após quinhentos anos, cá estamos, abordando essa temática tão atual e influente. Muito se fala, e muito se pode ler sobre o tema em livros e na internet. Mas há uma infinidade de interpretações sobre esse assunto, com os historiadores influenciando leitores cada qual segundo seu ponto de vista. Poderíamos conferir, por exemplo, o que diz o historiador Earle E. Cairns sobre os pontos de vista dos historiadores:

• Os historiadores protestantes

Compreendem a Reforma como um movimento religioso que, procurando redescobrir a pureza do cristianismo primitivo, buscou no Novo Testamento suas bases teológicas. Infelizmente, essa interpretação tende a ignorar os fatores econômicos, políticos e intelectuais que ajudaram a promover a Reforma.

• Os historiadores católicos romanos

Compreendem a Reforma como uma heresia inspirada por Martinho Lutero que, segundo alegam, buscava interesses pessoais, dentre eles, o de se casar. Nisso, o protestantismo é visto como um cisma herético que teria destruído a unidade teológica e eclesiástica da Igreja Medieval, segundo argumentam, mesmo diante das dificuldades em explicar o porquê de nunca ter conseguido a proeza de se manter una. Além disso, os historiadores católicos tratam de maneira leviana as muitís-

simas barbaridades e anomalias que mancham a história da igreja romana medieval, bem como os muitos protestos não atendidos na época, o que resultou finalmente na Reforma.

• Os historiadores seculares

Colocam seu enfoque nos fatores secundários em sua abordagem sobre a Reforma. Voltaire demonstra essa interpretação racionalista, colocando a Reforma Protestante como um efeito colateral da briga de monges da Saxônia e, na Inglaterra, apenas o resultado de um caso de amor de Henrique VIII. De modo algum, negamos essas conjecturas como pertencentes à realidade do contexto da época, mas apelar para esse reducionismo é falta de vontade de analisar os fatos, uma vez que, dentro do movimento reformista, pessoas sacrificaram suas vidas.

• Os historiadores marxistas

Trazem um argumento meramente econômico e político para a discussão, sendo a Reforma uma tentativa do papado romano de explorar economicamente a Alemanha para lucro próprio. Como resultado, as nações/estados se opuseram ao regime religioso do papado, gerando conflitos políticos que culminaram na Reforma.

Embora existam verdades em todas essas interpretações, seguramente podemos afirmar que são apenas facetas de um movimento com dimensões muito maiores, com causas múltiplas e muito mais complexas. Quais, então, são as causas da Reforma Protestante? Existem, pelo menos, fatores políticos, econômicos, intelectuais e morais.

Em primeiro lugar, fatores políticos podem ser ressaltados. As novas nações, centralizadas ao noroeste da Europa, não aceitavam a ideia de uma igreja universal com poderes estatais

e soberania política nacional. Na Inglaterra, Henrique VIII divorciou-se de sua esposa, levando-o ao rompimento com a igreja romana, lançando assim semente para o surgimento da igreja anglicana.

Em segundo lugar, no tocante aos fatores econômicos, vemos que a isenção de impostos da igreja medieval acendia a ira dos governantes. Além disso, a igreja era detentora de terras na Europa ocidental, gerando a cobiça dos governantes, da nobreza e da classe média. Não obstante, ainda havia o abuso das indulgências, que era um fator de pobreza na Alemanha, algo que enfurecia Lutero.

Em terceiro lugar, há o fator intelectual. A influência que o humanismo renascentista trouxe à Europa, especialmente à Itália, gerou um senso crítico mais aguçado e uma tendência à inteligência cética, levantando na Idade Média uma postura muito parecida com a que caracterizou a Grécia clássica.

Finalmente, o fator moral também influenciou a Reforma. Havia uma flagrante disparidade entre a igreja do Novo Testamento e as práticas católicas romanas. A degradação moral e as trevas atingiram todos os níveis da hierarquia da igreja — prostituição, corrupção, suborno, assassinatos, cobranças de indulgências, etc. Enfim, os fatos nos mostram o quanto a igreja romana se afastara do cristianismo de Jesus. De todos os fatores que poderiam desencadear uma revolta ou uma reforma, o mais significativo foi o fator moral.

A Reforma Protestante foi, como qualquer reforma, seja de ordem religiosa ou social, um clamor por mudanças. Houve eventos antecedentes que acabaram por culminar em seu surgimento. Nos últimos anos da Idade Média, a igreja ocidental sofreu um período de transtornos, como por exemplo, a transferência da sede papal para a cidade francesa de Avignon e com isso a eleição simultânea de dois pontífices, bem como a decadência moral e o nepotismo conduziram ao inevitável cisma do Ocidente, entre 1378 e 1417. Somam-se a isso peque-

nos clamores aqui e acolá, que surgiram para que a igreja passasse a viver de forma mais coerente com o evangelho, dando origem às ordens mendicantes. Na Inglaterra, John Wycliffe defendeu ideias que seriam mais tarde reconhecidas pelos protestantes, como a secularização e o possível confisco dos bens eclesiásticos, a negação da presença real e corpórea de Cristo na eucaristia, e uma campanha para que a Bíblia estivesse nas mãos do povo. Um século antes, os valdenses, "os pobres de Lyon", já questionavam o autoritarismo papal e o abuso das indulgências. Esses levantes pré-reforma influenciaram sobremaneira homens como João Huss e Jerônimo de Savonarola, que denunciavam abertamente as heresias e pecados do papa.

Não poderíamos deixar de considerar toda a problemática que tece o pano de fundo para os acontecimentos no final da Idade Média: os fundamentos do antigo mundo estavam à beira da falência, as descobertas de novos mundos por Colombo e Cabral, a substituição do conceito de governo universal pelas nações-Estado, a economia comercial invadindo o espaço da economia feudal, as transformações intelectuais e culturais devido ao surgimento do Renascimento, etc. Tudo isso, logicamente, traria consequências sociais e eclesiásticas, sendo, portanto, desnecessário mencionar que a igreja medieval seria por isso afetada.

Ainda, em 1517, a campanha das indulgências para arrecadação de fundos para a Basílica de São Pedro estava a todo vapor. Havia um padre dominicano chamado João Tetzel que usava de grande persuasão e teatralidade a fim de arrecadar fundos: "Dizem que cada vez que cai a moeda na bolsa do frade, uma alma sai do purgatório", asseverava Tetzel. Toda essa desonestidade religiosa não poderia resultar em outra coisa a não ser protesto. Em 31 de outubro, no mesmo ano, um monge agostiniano chamado Martinho Lutero, homem de coragem e pensamento afiado, fixou suas 95 teses na porta do castelo de Wittenberg, na Alemanha, protestando contra as indulgências e contra o abuso do poder. A resposta do papa Leão X veio

na bula *Exsurge Domine*, ameaçando Lutero de excomunhão. Porém, as teses de Lutero já haviam sido distribuídas por toda a Alemanha, levando a igreja a organizar o que foi conhecido como dieta de Worms, onde Lutero fora convocado para se retratar, ocasião que tornou o monge conhecido por negar-se à retratação.

Em 1529, na dieta de Spira, os cristãos reformistas foram pela primeira vez apelidados de "protestantes", devido ao firme protesto que os príncipes alemães fizeram diante do autoritarismo do catolicismo romano. Nessa mesma época, as ideias da Reforma estavam se capilarizando em diversas partes, como por exemplo, em Zurique, sob a liderança de Zuínglio, e na França, por Calvino, além dos Países Baixos. O protestantismo alcançou tal expressão que uma medida de desespero eclodiu em forma de ferrenha perseguição, ganhando forma e oficialidade. Foi chamada de Contrarreforma, promovida principalmente pelo espírito de represália do romanismo. Os próximos cem anos seriam marcados pela guerra religiosa entre católicos e protestantes.

Mas quem foram os personagens centrais na história da Reforma?

Martinho Lutero, nascido em Eisleben, aos 10 de novembro de 1483, veio de família humilde. Seus pais, Hans Luther e Margarete Ziegler Luther, eram camponeses. Teve notável carreira acadêmica: foi ordenado sacerdote em 1507, ingressando na ordem agostiniana. Estudou Filosofia na Universidade de Erfurt, além de doutorar-se em Teologia e obter seu mestrado em Artes. Lecionou em Wittemberg. Rompeu oficialmente com o romanismo em 1521. Ficou conhecido por, em 31 de outubro de 1517, ter fixado suas 95 teses no castelo de Wittemberg.

Uldreich Zwinglio nasceu em 1484, em Wildhaus, em uma família de fazendeiros. Tornou-se sacerdote católico e bacharelou-se em artes nas Universidades de Viena e Basileia. Em 1519, sob a influência dos escritos de Erasmo de Roterdã

e Lutero, começou em Zurique uma série de pregações contra os abusos da igreja romanista, não demorando muito para dissociar-se e converter-se.

João Calvino nasceu em 1509, em Noyon, na Picardia. Estudou na Universidade de Paris, e posteriormente cursou advocacia na Universidade de Orleans e em Bourgs. Converteu-se às ideias reformadas em 1533, sendo por isso forçado a abandonar a França, instalando-se em Basileia, onde terminou sua obra *As Institutas da Religião Cristã*.

João Knox foi um padre escocês. Por volta de 1540, começou a pregar ideias reformadas. Preso em 1547 pelo exército francês, foi mandado para a França. Quando esteve em Genebra, assimilou a doutrina ensinada por Calvino. Em 1559, retornou à Escócia, liderando um movimento de reforma nacional.

2

A TEOLOGIA ARMINIANA

Quatro Visões sobre a Salvação

Agora que você já conhece um pouco da histórica e ministério do reformador Jacó Armínio, bem como o mundo e a sociedade da sua época, veremos, de maneira objetiva e didática, as quatro visões soteriológicas desenvolvidas ao longo do cristianismo sobre a relação Deus-homem no processo salvífico. Dois desses pensamentos são heréticos e dois são legitimamente evangélicos. Essas definições nos ajudarão a entender a controvérsia entre arminianos e calvinistas, propósito central desta obra.

1. Pelagianismo
(monergismo • o homem é o único agente na salvação • herético)

Considera que o ser humano inicia e conclui o processo de redenção e santificação, por viver o tipo de vida exemplificada por Cristo. Segundo Pelágio, monge britânico (400 d.C.), não há o

conceito de pecado original e apenas Adão foi afetado; portanto, o homem não está propenso a pecar, sendo livre para escolher a Deus ou rejeitá-lo. Ele pode fazer coisas boas por conta própria, sem que a graça o capacite, uma vez que não possui natureza pecaminosa.

2. Semipelagianismo
(**sinergismo • o homem inicia o processo, Deus responde ao homem • herético**)

*Considera que o ser humano inicia o processo de redenção, mas que ela seja concluída com a assistência de Deus e com o sacrifício redentor de C*risto. No semipelagianismo, o homem dá o primeiro passo, escolhendo Deus pelos seus próprios méritos. O homem faz e Deus o recompensa, mas a iniciativa ainda é do homem. Essa é a teologia mais popular nos púlpitos evangélicos brasileiros. Infelizmente, para muitos calvinistas, o semipelagianismo equivale ao arminianismo, o que está errado, como veremos a seguir.

3. Arminianismo
(**sinergismo • Deus inicia o processo, o homem responde a Deus • evangélico**)

Considera que Deus inicia o processo de redenção, providencia perdão a todos, direciona sua graça a todos, mas só salva aqueles seres humanos que respondem, com fé, aos seus sussurros iniciais. No arminianismo, o homem totalmente depravado não pode fazer bem nenhum sem a graça de Deus. Uma vez capacitado pela graça, o homem pode crer em Cristo. A iniciativa é sempre de Deus, e essa é a razão pela qual o arminianismo é evangélico e o semipelagianismo é herético. Nós amamos porque Ele nos amou primeiro.

4. Calvinismo
(monergismo • Deus é o único agente na salvação • evangélico)

Considera que Deus inicia e conclui o processo de redenção e santificação de algumas pessoas, selecionadas incondicionalmente, desde antes da fundação do mundo. Deus se responsabiliza em providenciar perdão e expiação dos pecados; além disso, é Ele que, pelo poder do Espírito Santo, na pregação da Palavra, gera fé e arrependimento no coração dos eleitos, espalhados em todas as nações da terra.

Arminianismo Clássico

Agora sim, já temos o pano de fundo mais importante para adentrarmos em território mais complexo, o que seria propriamente o pensamento teológio arminiano, herdeiro de uma teologia tão antiga como a própria igreja, passando pelos primeiros Pais, pela Reforma Protestante, pelos séculos dos avivamentos, pelo despertamento pentecostal e chegando, até nós, robusta e absolutamente fiel às Escrituras.

Desde o século XVI, o arminianismo vem influenciando cristãos como os metodistas, os congregacionalistas e os batistas (*A History of the Baptists*, terceira edição, por Robert G. Torbet). A expressão "arminianismo" é usada para definir as afirmações e crenças do holandês Jacó Armínio e de seus seguidores históricos, os *remonstrantes*, bem como ideias mais amplas como as de Hugo Grócio, João Wesley e outros. Veremos que se pode tratar o assunto por duas vertentes: *arminianismo clássico*, que tem em Armínio a sua principal fonte, e *arminianismo wesleyano*, ou simplesmente metodismo, que tem em João Wesley a sua fonte.

O fato é que, em 1589, um holandês chamado Koornheert teceu refutações à doutrina supralapsariana, causando alvo-

roço nos círculos teológicos, argumentando que as teorias de Beza tornavam Deus a causa e o autor do pecado. Essa polêmica começou a atrair um número cada vez maior de simpatizantes, até que se levantou um temor de que tais afirmações abalariam a estabilidade não apenas teológica, mas também política dos Países Baixos. Ao mesmo tempo, Jacó Armínio aprofundava-se na Epístola aos Romanos, detendo-se principalmente no capítulo 9. E, quanto mais se aprofundava, mais se convencia de que o ensino de Paulo era oposto à teologia de Beza sobre predestinação. Embora Armínio nunca tenha abandonado a sua fé conforme as bases da Reforma Protestante, percebeu em seus estudos que equivocadamente os judeus acreditavam terem sido divinamente predestinados exclusivamente para a salvação, sem espaço para a possibilidade de que algo pudesse mudar esse quadro. Dentro disso, Armínio percebeu que a carta aos Romanos fora escrita exatamente para mostrar os planos de Deus para salvação pessoal e de outras nações, uma salvação pela fé, e não por decretos.

Depois de tal esforço, Armínio focou nos escritos dos Pais da Igreja. Compilou evidências demonstrando que nenhum "pai" digno de crédito havia ensinado as ideias e conceitos de Beza.[1] Constatou ainda que a predestinação apregoada por Calvino jamais havia sido oficialmente aceita pela igreja. Essas constatações não seriam abandonadas ao esquecimento, como podemos visualizar na história do célebre teólogo holandês.

Após a morte de Armínio, em 1610, quarenta e cinco ministros assinaram uma declaração teológica chamada Remonstrância (palavra que significa "protesto"), famosa por expor, através de cinco tópicos em forma de protesto e de viés declarativo, um resumo do que crê um autêntico arminiano, a pedido de João Oldenbornveldt, chefe da Província da Holanda, que iria apresentá-lo ao governo a fim de obter maior tolerância para os adeptos do arminianismo, como segue:

[1] WYNCOOP, Mildred Bangs, p. 53.

ARMINIANISMO PURO & SIMPLES

Quando pensamos no universo cristão mundial, que, segundo as mais confiáveis pesquisas, somam cerca de 2,4 bilhões de seguidores, dos quais em torno de 600 milhões se identificam como evangélicos, podemos dizer seguramente que 80% deles são de confissão soteriológica arminiana.

Apesar disto, é notória a escassez de obras que exponham coerentemente o posicionamento arminiano, fazendo com que a maioria desses crentes, por falta de informação e treinamento teológico, acabe crendo na heresia pelagiana ou mesmo semipelagiana, alimentando, com isso, a acusação segundo a qual não temos um ensino bíblico e reformado da doutrina divina da salvação.

Esta obra tem por objetivo contribuir com o conhecimento do verdadeiro arminianismo, que se harmoniza perfeitamente com as Escrituras, e de forma simples, bíblica e histórica. *Arminianismo Puro e Simples* se divide em três partes: o contexto histórico de Armínio, a teologia arminiana e a teologia Wesleyana.

CPAD

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-263-1613-3
9 788526 316133